



Como Movimento das Equipas de Nossa Senhora somos um movimento de Igreja, estamos na Igreja, constituímos um subconjunto da mesma. Nela temos o nosso lugar e as nossas responsabilidades. E foi da Igreja que decidi vos falar, propondo alguns pontos de referência.

Por que escolher este tópico? É para tentar tomar distanciamento num tempo em que temos, muitas vezes, o sentimento de que a Igreja está em crise. Segundo os países, a Igreja conhece dificuldades, uma recessão por vezes severa. Tem-se menos ou nenhuma confiança nela, sem esquecer os problemas de comportamento moral de padres ou de leigos.

É freqüente a crítica — compreensível — sobre a Igreja instituição, lamenta-se o seu legalismo... a sua pesada herança. E, muitas vezes, diz-se que a Igreja tem que se «modernizar». E então prefere-se realçar a realidade espiritual ou mística (Corpo místico) da Igreja que estaria «nas almas e não na sociedade visível». Libertar-se da disciplina da instituição poderia favorecer a procura da unidade entre os cristãos divididos.

Teremos, afinal, uma idéia clara acerca da natureza da Igreja?

Num tempo em que o sentido da Igreja se renova

Houve quem dissesse que o século que acabou era o «século da Igreja», pelo menos do ponto de vista do trabalho dos teólogos que não deixam de estar em relação com as necessidades do conjunto dos cristãos. O Concílio Vaticano II colocou no centro da sua perspectiva a reflexão sobre a Igreja, o que aconteceu pela primeira vez num contexto tão oficial. No Concílio, a Igreja faz o ponto da situação sobre o que ela é, descreve-se a si própria, situa a sua natureza e a sua missão.

Sabemos que o Concílio pretendia responder várias exigências. Citarei, entre outras:

- o regresso às fontes, as Escrituras, a herança dos Padres da Igreja; e ultrapassar uma concepção demasiado hierárquica da Igreja, pois, notadamente, a partir do século XIX, dava-se mais atenção à engrenagem da instituição do que à sua natureza espiritual;
- uma exigência de pureza: a Igreja deve deixar de se comprometer com os poderes temporais ou se confundir com eles;
- a aceitação da crítica dos homens de Igreja (mais do que das mulheres) com as suas fraquezas ou as suas pretensões;
- o pôr em causa a doutrina, o dogma, as regras litúrgicas e jurídicas...
- sentem-se mais dolorosamente as rupturas da unidade, o movimento ecumênico é um tema importante do Concílio.

Creio que é muito importante que nos situemos no interior da Igreja para falar dela de forma válida. Não se avançaria, se nos mantivéssemos como observadores exteriores, como sociólogos ou utilizadores de serviços à mercê do que lhes convém, das suas necessidades e das suas preferências do momento. Abstenhamo-nos de julgar a Igreja e a fé de maneira crítica, a partir do que cada um sente, sem nos interrogarmos quanto à validade dos nossos critérios de julgamento.

Dito isto, situarmo-nos no seu interior não nos dispensará de proceder a verificações acerca da vida e da ação da Igreja, cuja necessidade não contestamos.

Demasiadas vezes os cristãos não vêm a Igreja senão através das suas estruturas visíveis, esquecendo que eles próprios fazem parte dela, donde alguns erros eclesiológicos gravíssimos, tanto nos progressistas como nos conservadores; compreende-se mal o ensino teológico e pastoral, situa-se mal a autoridade do magistério e a sua competência.

Creio na Igreja...

Ousemos dizer que a Igreja é objeto de fé. Dizemos no *Credo*: creio na Igreja una, santa, católica e apostólica. É na fé que se pode captar a realidade da Igreja, mistério de fé. Gostaria de partir da célebre frase do Concílio, logo no início da Constituição sobre a Igreja: “*Em Cristo, ela é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano (Lumen Gentium (este documento será referido como LG, nº 1).*

Disse as palavras *mistério* e *sacramento*. E digo, já que não se deve separar o mistério da instituição visível. Ainda voltaremos a isto.

Recordemos, em primeiro lugar, que falar da Igreja é falar de Cristo, *luz dos povos*. Sabeis que são estas as primeiras palavras da constituição conciliar: A luz dos povos é Cristo cuja *luz resplandece no rosto da Igreja*.

Assim, falar do mistério da Igreja é prolongar o sentido profundo da missão de Cristo. Cito aqui o *Catecismo da Igreja Católica (CEC 766)*: «A Igreja nasceu principalmente do dom total de Cristo pela nossa salvação, antecipado na instituição da Eucaristia e realizado na cruz. “Tal começo e crescimento (da Igreja) exprimem-nos o sangue e a água que manaram do lado aberto de Jesus crucificado” (LG 3). Porque “foi do lado de Cristo adormecido na cruz que nasceu o sacramento admirável de toda a Igreja (Vaticano II, Constituição sobre a Liturgia, nº 5)».

A Igreja, sacramento — mistério da Igreja.

Vemos, pois, que o sentido mais profundo da realidade da Igreja se exprime como *sacramento* e/ou *mistério*. Estes dois termos são primitivamente a tradução um do outro, ainda que o seu sentido tenha podido se diferenciar. Utilizamos, a respeito de Cristo e da Igreja, simultaneamente a palavra *mistério* e a palavra *sacramento*.

Para São Paulo, a palavra “mistério” designa geralmente o desígnio de salvação que o Pai estabeleceu desde toda a eternidade, que realizou graças à encarnação de seu Filho e à missão do Espírito Santo, e que prolonga na comunidade eclesial, órgão da união com as três Pessoas divinas.

O mistério, escondido «desde a criação do mundo» é manifestado — ou revelado — em Cristo. A revelação consiste não em desvendar segredos, mas em comunicar o mistério, a realidade, que Deus é e continua a ser dando-Se ao homem por amor.

Em suma, *mistério* — como sugere o sentido corrente e moderno do termo — refere-se sobretudo à realidade escondida da salvação, ao conjunto do plano de Deus desde a criação; a palavra *sacramento* exprime mais o sinal visível, sensível, o que aplicamos espontaneamente ao batismo de água, por exemplo, mas que se aplica também a Cristo feito homem e à sua Igreja.

Se quisermos descobrir o que implica o mistério aplicado à Igreja, é preciso fazer referência:

- à Trindade, visto que a Igreja se une ao mistério fundamental da Santíssima Trindade como à sua fonte viva e permanente: o Pai dá à humanidade o seu Filho que funda a Igreja, animado pelo Espírito Santo;
- a Jesus Cristo, sacramento original. O sentido mais simples de sacramento, como aprendemos, é um sinal portador em verdade do dom de Deus. A humanidade de Jesus é eminentemente isso. É por Ele, unido fraternalmente aos homens, cabeça do Corpo eclesial, que a própria Igreja é mistério de salvação e sacramento. O Pe. de Lubac diz isto de forma muito clara em *Catholicisme*: «Se Cristo é o sacramento de Deus, a Igreja é para nós o Sacramento de Cristo, representa-O, segundo a antiga força do termo: torna-O presente para nós em verdade. Não se limita a continuar a sua obra, mas continua-O a Ele próprio, num sentido incomparavelmente mais real do que qualquer instituição humana continua o seu fundador»;
- ao Espírito que introduz a Igreja na verdade total, dota-a de dons diversos, hierárquicos e carismáticos, dirige-a..., renova-a sem cessar e a conduz à união perfeita com o seu Esposo (cf. LG 4). O Espírito Santo é coração e alma da Igreja;
- o mistério da Igreja é, finalmente, o da humanidade reunida para entrar plenamente em comunhão com Deus.

A Igreja tem o encargo de levar à humanidade a revelação da salvação, através de Cristo, na história. Realidade sacramental é indissolivelmente visível e espiritual.

O Concílio, nos termos já citados, diz que a Igreja é sacramento, ou seja, sinal e instrumento da unidade do gênero humano com Deus e da unidade fraterna da humanidade.

Para explicar isto, inspiro-me em Mons. Philips, perito no Concílio. «Sinal e instrumento não são *coisas* separadas: só Cristo é o sacramento fundamental, a Igreja só o é como sua associada. Pela linguagem do *sinal*, uma pessoa dirige-se a outra e inicia, pela sua palavra, o encontro interpessoal. No sacramento, o verbo unido ao gesto torna-se palavra visível, segundo a forte expressão de Santo Agostinho, *visibile verbum*, porque é dirigida aos homens, espíritos encarnados na matéria. O sinal garante uma participação numa vida superior; é, pois, com razão que é designado *instrumento*, visto que se mostra portador de eficiência divina... trata-se de uma comunhão em nível espiritual, ainda que estabelecida entre seres humanos».

A noção da Igreja compreendida como sacramento não pode ser entendida senão pela ligação vital a Cristo. Esta noção tem um alcance duplo:

- interno: a Igreja, ela própria primeiro sacramento, fonte dos sacramentos, sinais eficazes dos dons de Deus;
- externo: a Igreja, por estar intimamente ligada a Cristo, pela comunhão dos seus membros que a constituem, é para o mundo mediação do encontro com Deus.

Ao dizer tudo isto, não esqueço que o mistério da Igreja e a sua natureza *sacramental* ainda são vividos à sombra da nossa história, que a Luz veio às trevas, que não se deixam dissipar de repente (cf. Jo 1,4-5). Já voltamos a isto.

Imagens da Igreja

Toda uma série de imagens bíblicas complementares nos permitem uma aproximação à natureza da Igreja. O Concílio realçou-as atentamente (cf. LG 6-7). Lembro apenas algumas.

A Igreja é a *arca* que nos salva da morte, como foi a arca de Noé, no tempo do dilúvio, o único meio de salvação.

Por isso, é *mãe* que nos gera para uma vida nova. Mas é uma mãe que guarda os filhos no seu seio.

Como Cristo está presente nela, como só nela e por ela se pode oferecer a Deus uma oração que chegue até Ele, um culto que lhe seja agradável, um sacrifício válido, a Igreja é um *templo*; é o templo de Deus feito de pedras vivas. Nesta construção, Cristo é a *pedra angular*.

Como está no centro do plano divino, como é o final de uma preparação que se prossegue desde a criação, cujo elemento essencial foi a escolha de um povo portador de uma mensagem, ela é o novo *Israel*, o Israel espiritual do qual o primeiro não era senão prefiguração. Também se fala na *nova Jerusalém*, na *Cidade santa*...

Como nela estão contidos, velados mas já realmente presentes, os bens cuja posse desvelada fará a alegria da eternidade, é o Reinado de Deus, o *Reino de Deus* na terra (ver LG 6).

Corpo de Cristo

O Concílio Vaticano II (LG 7) descreve a Igreja como **Corpo**. A este propósito, o Pe. Congar observou que os teólogos dos séculos VIII e IX exprimiram a continuidade que existe entre o corpo de Cristo, Verbo feito carne, o corpo eucarístico e o Corpo de Cristo que é a Igreja. No fundo, é o mesmo mistério que se realiza nas três realidades que têm o mesmo nome, «corpo de Cristo»: o mistério de Cristo termina na Igreja por meio do sacramento.

Esta noção de *corpo* é mais do que uma imagem. Trata-se de um *corpo* vivo, em que a vida de Cristo se derrama, como expressam os sacramentos. E voltamos à palavra fundamental de São Paulo: «Uma vez que há um único pão, nós somos um só corpo». Os membros e as suas funções são diversos, mas todos estão ligados à única *Cabeça* que é Cristo.

Povo de Deus...

Na Igreja, o sacramento que é o próprio Jesus Cristo torna-se sacramento vivido em comum, na fé, na verdade recebida, revelada sacramentalmente: na ação litúrgica, em particular na liturgia eucarística, a presença autêntica de Cristo é manifestada na assembléia, pela sua Palavra, pelos seus ministros, pelo Corpo entregue e pelo Sangue derramado. A Igreja é, pois comunhão na santidade que é dom de Deus.

A Igreja, comunhão, é *Povo de Deus*. O *Catecismo da Igreja Católica* (nº 782), que se inspira em grande medida no Concílio Vaticano II, apresenta as características do Povo de Deus, que o distinguem claramente de todos os grupos religiosos, étnicos, políticos ou culturais da história:

- É o *Povo de Deus*. Não esqueçamos esta nota fundamental: este povo define-se como ligado a Deus transcendente e presente, que o escolhe, que vem até ele, que faz dele uma «nação santa» (1 Pe 2,9).
- Não nascemos diretamente membros deste Povo; tornamo-nos nele, não pelo nascimento mas pela fé em Cristo Salvador e pelo batismo, o *nascimento do alto, da água e do espírito* (cf. Jo 3,3-5). Tornamo-nos assim filhos de Deus, de condição livre: *o Espírito vos tornará livres*.
- Este Povo tem como Chefe Jesus e por *chefe* devemos entender aqui que Ele é *Cabeça* do Corpo eclesial. Jesus é o Cristo, ou seja, o Messias, que está penetrado do Espírito de Deus. Ele que é a Cabeça comunica a todo o Corpo o Espírito que O habita, e assim constitui o *Povo messiânico*.

- A lei fundamental deste povo é o mandamento novo de amar como o próprio Cristo nos amou (cf. Jo 13,34). Conformar-se a esta lei foi tornado possível pelo Espírito Santo (Rm 8,2; Gl 5,25).
- A missão deste povo é ser sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5, 13-16). Ele «é para todo o gênero humano o mais firme germe de unidade, de esperança e de salvação» (LG 9).
- Por último, o seu destino é o Reino de Deus, que Jesus disse, logo no início da sua pregação, estar presente na sua Pessoa. Diz o Concílio: «A Igreja, enriquecida com os dons do seu fundador e guardando fielmente os seus preceitos de caridade, de humildade e de abnegação, recebe a missão de anunciar e instaurar o Reino de Cristo e de Deus em todos os povos e constitui o germe e o princípio deste mesmo Reino na terra. Enquanto vai crescendo, suspira pela consumação do Reino e espera e deseja unir-se ao seu Rei na glória».

Em toda a humanidade

A Igreja tem vocação para a universalidade, para a unidade. É certo que, ao olharmos a história e a situação presente, sentimos uma certa inquietação. Apenas uma fração da humanidade está visivelmente integrada na Igreja de Cristo. Mas estamos num dinamismo histórico que está longe de ser imóvel, longe de estar acabado.

O próprio Concílio viu na história da humanidade as fases do encontro que Deus quer e que está em curso:

- no princípio do mundo: a prefiguração do desígnio de Deus (mistério oculto);
- na história de Israel: a preparação, a eleição de um povo, as alianças renovadas, a ação dos profetas;
- na era do Espírito Santo: a partir do Pentecostes, a instituição da Igreja de Jesus Cristo;
- no fim dos tempos: a consumação na plenitude do Reino.

A Igreja ultrapassa os limites da sua extensão visível. Já Santo Agostinho escrevia: «Todos juntos somos o corpo e os membros de Cristo, não só nós, habitantes destes lugares, mas os de toda a parte; não só os nossos contemporâneos, mas que digo eu?... desde o justo Abel até ao fim dos tempos, enquanto houver homens que dêem e recebam a vida, todos os que atravessam esta existência na justiça... todos esses reunidos formam o único corpo de Cristo... a Igreja que continua agora a sua peregrinação está profundamente unida à Igreja do céu» (*Sermão 341*).

Há ainda a questão da pertença à Igreja de pessoas que “enterraram” a fé do seu batismo, ou nunca a despertaram em si, que não têm qualquer relação viva e consciente com Cristo ou que a renegaram. É importante dizer aqui que se pode pertencer à Igreja sem ser vivificado por Cristo, mas que isso está sempre em espera, em esperança: não se pertence à Igreja senão para ser vivificado por Cristo.

Instituição visível sempre perfectível, realidade espiritual sempre habitada pelo Espírito

Dissemos no início que a Igreja pode enganar, que ela suscita crítica ou rejeição. Sabemos muito bem que ela não é perfeita; que só muito parcialmente ela sabe acolher os dons da santidade de Deus.

A Igreja deve submeter-se sempre à autocrítica. Deve abster-se de identificar pura e simplesmente a realidade eclesial concreta — tal movimento, tal diocese, tal paróquia — com «a única Igreja de Cristo» confessada no símbolo da fé (cf. LG 8). Mas nem por isso se deve

negar a comunidade visível. Não caímos num dualismo que oponha a Igreja como instituição a uma vida religiosa “mística” que nos ponha em relação com Deus e com Cristo sem mediações, sem os sinais e os instrumentos que constituem a Igreja visível.

Retomemos ainda uma passagem do Vaticano II: «A sociedade organizada hierarquicamente e o corpo místico de Cristo, o agrupamento visível e a comunidade espiritual, a Igreja terrestre e a Igreja ornada com os dons celestes, não se devem considerar como duas entidades, mas como uma única realidade complexa, formada pelo duplo elemento humano e divino» (LG 8).

Que a Igreja vive no curso da história é evidente. Há, portanto, limites, diferenças no tempo (não é verdade que temos tendência a idealizar os períodos mais distantes, a Igreja primitiva, os “grandes séculos”?). Há períodos de crise, de recessão ou de desenvolvimento, com uma grande diversidade no mundo; pensemos nas jovens Igrejas, no fato das vocações jesuítas serem hoje majoritariamente asiáticas... Mas essa flexibilidade e essa fragilidade ao longo da história não comprometem por si próprias a natureza da Igreja. Lembremos a analogia do Concílio entre a Igreja e a Encarnação; o fato do Filho de Deus encarnado entrar num momento da história e assumir os limites da condição humana não constitui uma carência para Ele.

Temos muito simplesmente que nos lembrar que a forma institucional da Igreja, que não vou descrever aqui, continua a ser inferior ao que ela nos dá e ao que ela significa. Há uma bela fórmula do Pe. Santillange que dizia: A Igreja é semelhante a uma «semente inteligente [que] se instruía vendo-se germinar, não sabendo senão de forma imperfeita o que tem em si». Também devemos recordar que a forma institucional da Igreja é provisória, ela está no tempo e não como tal para a eternidade. Os próprios sacramentos destinam-se a nós que vivemos na história e terão passado quando o Reino de Deus tiver se manifestado plenamente.

Falou-se de «feliz» fraqueza da instituição. Como tem ao mesmo tempo uma dimensão divina e uma dimensão humana, ela *trai* o mistério da salvação de Deus, pois num mundo pecador só de forma imperfeita ela pode representar o mistério de Deus, mas também exprime ou reflete esse mistério como — segundo uma imagem antiga — a luz da lua reflete os raios do sol que a atingem: são mesmo os raios do sol, mas atenuados por um reflexo imperfeito. A Igreja, diz o Vaticano II, prossegue a sua peregrinação, robustecida pela força do Senhor ressuscitado, de modo a vencer as suas dificuldades, tanto internas como externas (cf. LG 8).

O Pe. de Lubac, que tanto sofreu na Igreja, observou que, embora se possa dizer com razão que a Igreja é «Jesus Cristo derramado e comunicado» (célebre fórmula de Bossuet), mesmo assim os homens de Igreja não são Jesus!

A constituição complexa, dinâmica e histórica da Igreja impõe-nos uma conversão permanente: temos que tomar consciência da nossa missão que entra no desígnio salvífico de Deus, ao mesmo tempo que da nossa condição de pecadores. Penitência e conversão devem ser o pão nosso de cada dia!

Não esquecemos que a vida dos cristãos mantém todo o seu caráter secular e terreno e não devemos ignorar o mundo com as suas indignidades e as suas contradições. Conduzida pelo Espírito de Deus, a Igreja deve *discernir* nos acontecimentos as necessidades e os anseios que partilha com os outros homens do nosso tempo, e deve reconhecer «quais são os verdadeiros sinais da presença ou da vontade de Deus» (GS 11).

Digamos mais uma vez que podemos, e muitas vezes devemos, ter um olhar crítico sobre a nossa Igreja, sem nunca esquecer que fazemos parte dela e que ela é a nossa Mãe na fé; mas não nos podemos enganar nos nossos critérios de discernimento. É o Espírito Santo que nos

deve guiar e que devemos invocar, é a Palavra de Deus que devemos escutar antes de censurar ou de rejeitar.

Não é minha intenção fazer uma exposição acerca das estruturas da Igreja e das várias missões, mas lembro simplesmente que há na Igreja o ministério hierárquico (do Papa e dos Bispos, etc.). A palavra *ministério* quer dizer serviço, o serviço da unidade na verdade e na caridade. Somos chamados a respeitá-lo. A nossa submissão à autoridade na Igreja tem o caráter de uma fidelidade e de uma participação responsável na vida do corpo de que todos somos membros, todos em comunhão com Cristo que é a cabeça.

Como Maria, a Igreja avança pelo caminho da fé, conservando e contemplando no seu coração o mistério que nela se tornou realidade, sem poder, no fim de contas, abarcar toda a sua grandeza (cf. *LG 57*).

O sacramento do matrimônio situa os esposos na Igreja

Gostaria de abordar, de forma breve, um último ponto, que nos diz respeito: o lugar do matrimônio na Igreja.

Partimos do fato de a Igreja ser o «sacramento universal da salvação»; a sua missão exerce-se junto de cada um de nós, através dos vários sacramentos, que significam e atualizam a relação de Cristo com os membros da Igreja; trata-se, em primeiro lugar, do batismo, com o dom da fé, e da eucaristia, que realiza a comunhão e a unidade na aliança.

É uma imagem ou um título, em que ainda não insisti: a Igreja é muitas vezes chamada Esposa de Cristo — e Cristo Esposo. Isto não deixa de ter interesse pois, quando se fala da Igreja como Corpo, vê-se aí essencialmente a vida de Cristo comunicada aos membros; quando se fala da Esposa e do Esposo, isso exprime uma relação mútua, um diálogo, uma fidelidade — e até uma possibilidade de infidelidade.

Fala-se com razão do amor esponsal de Cristo pela Igreja. A união dos esposos é reflexo disso mesmo. O caráter sacramental da Igreja — sinal e instrumento da graça de Deus — manifesta-se nomeadamente no matrimônio sacramental ou, como diz Mons. Marc Ouellet, os esposos tornam-se «uma só carne» sacramental, alimentada de «uma só carne» eucarística. Digamos também que o sacramento do matrimônio vem dar uma orientação específica ao batismo e à confirmação, por um dom renovado do Espírito Santo ao próprio casal, mas também à Igreja em que o casal se integra e recebe a sua missão própria. O vínculo conjugal cristão ultrapassa em muito o mero vínculo jurídico da ordem do contrato: é a consagração de um estado de vida e de uma missão específica na Igreja.

O matrimônio sacramental dá aos esposos, e de forma mais alargada à família, a qualidade de «Igreja doméstica». Se refletirmos nisto, reconhecemos nesta «Igreja em miniatura» as características da Igreja una, santa, católica e apostólica; façamos a transposição: na família desenvolve-se a unidade pela comunidade de vida, a santidade da graça acolhida, do amor mútuo e do sacerdócio dos fiéis, a participação na catolicidade ou na universalidade pela relação vital com o Corpo de Cristo — e num movimento internacional isto é ainda mais evidente, indo do nível da equipe ao do conjunto das ENS —, a missão apostólica pela missão de evangelizar a família e de irradiar à sua volta, especialmente junto dos casais.